

Senhor Presidente da Assembleia
Senhores Membros do Governo
Senhoras e Senhores Deputados

No passado dia 20 de Fevereiro, Portugal disse não à aventura, à incompetência, ao discurso errático e ao populismo.

De norte a sul do País, aqui nos Açores e na Madeira, o Povo em concreto penalizou o maior delírio na governação em 30 anos de Liberdade.

Assegurada a maioria absoluta para o Partido Socialista, Portugal respira de alívio.

O País queria mudar e, nesta mudança, reconciliar-se consigo mesmo. Apesar de ter sido uma vitória histórica, o PS viveu a noite das eleições com um enorme sentido de responsabilidade. A situação portuguesa não se compadece com celebrações exageradamente efusivas e que acentuem o sofrimento democrático de quem perdeu.

Um projecto vencedor precisa de todos; em Democracia, o voto é um contrato entre eleitores e eleitos que precisa de ser gerido com verdade e com rigor, sem triunfalismos e sem arrogância.

A maioria do Partido Socialista não vai significar, por certo, ausência de diálogo e intolerância, como podemos ouvir do nosso primeiro-ministro Eng^o Socrates.

Todos esperamos que implemente as reformas necessárias aos graves problemas do país, sem vacilar com as primeiras greves ou diante de quaisquer manifestações de rua e sem ceder a popularismos irresponsáveis, como os do seu antecessor.

Senhor Presidente da Assembleia
Senhores Membros do Governo
Senhoras e Senhores Deputados

É sempre bom lembrar que até ao último suspiro, o defunto (des)governo PSD/PP prosseguia os mergulhos e as piruetas de circo num cómico confronto com o senhor Presidente da República. Especializados em peixeiradas comicieiras, de praça ou de feira, e aqui todos nos recordamos do Paulinho das feiras, governantes aplicados na retórica populista, ao sabor do tã-tã demagógico, nada os podia ter irritado mais que a serenidade e o silêncio do Presidente Jorge Sampaio. Acicatados pelo aguilhão do despedimento, resolveram, então, falar sozinhos, num discurso de confronto que apenas veio dar razão aos que imputavam ao Governo de Santana Lopes uma fatal ausência de sentido de Estado.

O **ser** e o **estar** de suas excelências, Santana e Portas, apenas confirmaram que o Presidente da República não podia adiar mais a decisão de pôr um ponto final na lamentável situação a que o país chegara, quatro meses depois de Durão Barroso, mais conhecido por José Manuel, ter abandonado a barca da (des)governança. O que define os estadistas é a capacidade de perceberem que os interesses de um país ou de uma região,

não se justapõem aos meros interesses partidários e, muito menos, às ambições pessoais ideologicamente contaminadas pelo vírus do populismo barato.

Só assim se entende o tipo de reacção do ex-primeiro-ministro Santana Lopes, que não se coibiu de chamar mentiroso ao Presidente da República ou do seu tenente Morais Sarmiento que classificou de caudilho Jorge Sampaio.

A sucessão de acontecimentos e a expressão do discurso de Santana e seus pares veio mostrar uma surpreendente dicotomia: ao mesmo tempo que diziam respeitar a decisão do Presidente da República, atiravam-lhe depois todo tipo de insinuações, que iam da mentira ao favorecimento de interesses privados ou partidários.

O que essa factualidade ilusória representa é, também, a inevitabilidade de um certo monstro político, ideologicamente sem sentido, preso à lógica de uma morte anunciada, apesar de todos os dias continuarem a dizer que eles é que são os santos e os outros os pecadores.

Senhor Presidente da Assembleia
Senhores Membros do Governo
Senhoras e Senhores Deputados

Como já era mais ou menos esperado, o governo de Santana acabou a pouco mais de quatro meses de exercício de funções.

Ele foi o principal e mesmo único factor da sua queda, pelas complicações, descoordenações, contradições, desentendimentos e leviandades cometidos, com o corolário final de um orçamento de Estado, feito ao arrepio e em descontinuidade com os propósitos e actuação do governo anterior. A sua imagem era a de um governo em que não se tinha confiança, com poucos ministros de que se tinha boa opinião e um primeiro-ministro sobre o qual havia, logo após a sua indigitação, uma quase geral má impressão política, que o tempo se encarregou de confirmar.

Segundo Marcelo Rebelo de Sousa, Santana Lopes não tem carisma, é superficial, trapalhão, instável e mandou-lhe estudar melhor os dossies. Além disso, Santana não tem sorte, nos momentos decisivos. E, pior do que isso sofre do síndrome do touro manso, isto é, mal presente o ferro, logo foge para as tábuas.

Usando a estratégia da vitimização, quem não se lembra da entrevista que deu em S.Bento em cenário natalício em que afirmou “Tenho as costas cheias de cicatrizes das facadas que levei”...“ não cabe cá mais nenhuma!”...

Esta história das facadas nas costas é suficientemente explícita de um ajuste de contas que o ex- primeiro-ministro quer levar até às últimas consequências dentro do PSD. Santana sabe decerto quem lhe deu as facadas nas costas e também, quem foram os mandantes. É extraordinário o secretário-geral do PSD, em que um dos vices é o deputado Victor Cruz, acusar

os membros do seu próprio partido de tamanhas malfeitorias. Mas o ajuste de contas, na área do PSD, ainda é vindima.

Outro dos momentos altos do ex- Primeiro Ministro e da sua imaginação fértil foi quando, sem avisar que iria expor matéria eventualmente chocante, contou a história de um bebé na incubadora, que recebia tabefes e pontapés dos irmãos mais velhos, para mostrar como o seu governo estava às portas da morte, em cuidados intensivos. Acabou por morrer, politicamente, é certo.

Não foi por acaso que Cavaco Silva o afastou de ministro, dando-lhe uma Secretaria de Estado e logo da Cultura que eram águas onde Santana pior nadava. Quando percebeu de que não nascera para a Cultura, entregou a Secretaria de Estado ao seu amigo Frexes e fugiu para o Sporting.

No Sporting prometeu taças, campeonatos e cofres a abarrotar. Foram dois anos de desventuras: quando chegava ao Natal, o Sporting já só jogava para o meio da tabela. E, mais uma vez, se pôs em fuga, antes que a casa lhe caísse em cima. Desta vez, fugiu para a Figueira da Foz, onde prometeu mundos e fundos: uma nova cidade à beira mar estendida. Nem o televisivo futebol de praia salvou o sonho de uma “cidade maravilhosa”. Repegou na trouxa e fugiu, de novo para Lisboa.

Em Lisboa, sim, de Lisboa iria fazer a capital do seu “império”. Teatros, casinos, centros comerciais, jardins... Três

anos depois, do seu consolado restava, apenas, um buraco no Marquês! O “buraco” começou a ficar negro e tenta outro lugar de “fuga”: a Presidência da República! Só que o tiro lhe voltou a sair pela culatra: Cavaco esmagava-o na corrida a Belém. Mais uma vez os cartazes não saem para a rua.

Mas, este guerreiro mais parecido com alibábá e os 40 trapalhões, veio montado no seu falcon até aos Açores prometer mundos e fundos ao lado dos actuais deputados do PSD à Assembleia da República e até hoje, estes que se dizem os grandes defensores dos Açores, ninguém os ouviu perguntar pelo cumprimento das promessas. Deste senhores não esperava outra coisa, pois já foi assim nas transferências de verbas para a Região, no caso do Sismo do Pico e Faial. Mas, para espanto de todos, na votação do Orçamento do Estado para 2005, os deputados Mota Amaral, Victor Cruz e Joaquim Ponte, foram agentes activos nos votos contra os interesses dos Açores. Mais ainda, votaram contra uma proposta que fazia parte do compromisso eleitoral do PSD/Açores, para não desagradarem aos seus líderes nacionais. Só assim se compreende o seu silêncio no desinvestimento do PIDDAC 2005 para os Açores na ordem dos 6 milhões de euros. A estas atitudes resolveram chamar-lhe prestígio e competência.

Estes são alguns dos exemplos de que não constituíram particular surpresa os resultados globais das eleições legislativas, mesmo que se dê por retumbante a vitória

eleitoral do Partido Socialista, a sua maior de sempre e por humilhante a derrota do PSD, um dos piores resultados da história do Partido.

Espero que Marques Mendes, que agora parece ser apoiado por aqueles que há poucos meses o assobiaram, não mande a fotografia de Santana Lopes para o PS, porque Cavaco Silva não mandou a de Paulo Portas quando este abandonou o PSD, seguindo o exemplo de Mota Amaral quando Alvarinho Pinheiro abandonou o PSD.

Fica também para a história o feito conseguido pelo PSD de Santana Lopes que em quatro meses conseguiu realizar o grande sonho de Sá Carneiro: dar a Portugal um governo, uma maioria, um Presidente.

O PS agradece. O PSD decerto não o esquecerá.

Disse.

Horta, 17 de Março de 2005

O Deputado Regional do Partido Socialista

Nuno Amaral